

Assente na doutrina do sacerdócio comum (SC 14. LG 10), a participação activa abre para uma nova concepção da Igreja que encontra na liturgia precisamente a sua plena manifestação (SC 26. 41). Desta forma, é confirmada ainda a crescente consciência de que, manifestando a natureza comunitária da Igreja (SC 26), é a centralidade do mistério de Cristo para a vida cristã que encontra concretização na liturgia (SC 2).

É a referência ao evento fundante da fé que leva a ritualidade cristã a «conservar a sã tradição e abrir ao mesmo tempo o caminho a um progresso legítimo» (SC 23) e a «respeitar e procurar desenvolver as qualidades e dotes de espírito das várias raças e povos» (SC 37). Porque, congelada numa época passada e cristalizada numa cultura localizada, a liturgia torna-se impermeável à humanidade concreta, sempre situada e em devir. E, assim fossilizada, poderá pôr-se apenas como ídolo, concentrando a atenção sobre a sua “forma pura” (do passado) e a sua “ideal identidade” (numa determinada cultura).

O ligame da fé com o sagrado é estabelecido pela excedência cristológica que, brotando do rito, mostra a sua insuperável universalidade numa particularidade religiosa. Desta forma, no mesmo movimento em que se reconhece a inscrição da Liberdade no evento da Revelação,⁴⁸ se poderá ver a participação não como passividade sob a acção divina, mas como «contemplação activa, que transforma o homem naquilo que ele contempla»⁴⁸.

ÂNGELO CARDITA

(Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia)

⁴⁸ CASEL, *Le mystère du culte*, 320.

Teilhard de Chardin na rota do Vaticano II

A Igreja já não dá a impressão de “sentir com a Humanidade”. Tal é a razão profunda da atmosfera de hostilidade e desdém que paira à volta dela, mesmo e sobretudo nas zonas mais profundas da sociedade; e tal é também a explicação da sua esterilidade presente. O que é próprio de uma verdadeira religião, deve ser expandir-se como água ou como fogo – irresistivelmente. Se a Igreja, na hora presente, marca passo ou não progride senão custosamente, e nas camadas menos activas do Mundo, é porque lhe falta alguma coisa ao esplendor da sua verdade, ou seja, à plenitude da sua concordância com as necessidades actuais da Humanidade.

Teilhard de Chardin

Na primeira metade dos Anos 60 do século XX, uma folha volante apareceu diante dos olhos do católico comum, convidando-o a fazer um exame de consciência. E a pagela dizia assim:

*“Como sujei o rosto da Igreja de Cristo
– vi no Bispo um simples funcionário superior da Diocese
– vi a Diocese e a Paróquia como realidades puramente jurídicas que não me dizem respeito, onde não tenho mais nada a fazer?
– desinteressei-me pela melhor distribuição do clero
– não tenho vivido o problema das Vocações como essencial na Igreja
– não fiz o esforço devido para refazer a observância dos preceitos nem promover o ensino da Catequese adequado ao Mundo Novo?
– não encarei devidamente a problemática essencial da Acção Católica distraíndo-me e contentando-me com os problemas secundários e marginais*

- *considerarei que não tinha a contribuir para a verdadeira inserção dos leigos na acção redentora e santificadora da Igreja*
- *vi as comunidades de religiosos separados do Clero secular e habituei-me à herança recebida dos séculos*
- *vi os seminários como casas que se aturam, ainda que com virtude, mas longe de uma paixão actuante de renovação e de actualização*
- *reduzi as missões à perspectiva dos “pretinhos” protegidos, não me apercebendo do nascer de Comunidades Cristãs locais*
- *vi nos irmãos separados e nos não evangelizados os inimigos e perdidos irreparáveis que despertam o meu instinto de defesa*
- *vi o padre confinado à sacristia, longe do convívio que é presença da hierarquia no mundo dos homens*
- *vi no padre o “faz tudo” não assumindo as responsabilidades que me dizem respeito e não contribuindo assim para a distinção clara da sua missão sobrenatural de dispensador da Graça*
- *vi a moral cristã e o catecismo longe duma apresentação adequada ao mundo novo e pugnei violentamente só pela sua divulgação sem esforço de revisão e de actualização para ir ao encontro das necessidades reais que os outros vivem ?*
- *durmo tranquilo quando no Mundo Novo que surge sei que a Igreja não pode garantir a Graça aos homens por falta de Clero”.*

Era o momento de parar para pensar. Parecia que estava a passar pela Igreja o vento do Espírito Santo. Sentia-se que despegavam do seu corpo visível as escamas de séculos tridentinos – tudo o que tinha sido clericalização, tudo o que tinha cavado separação entre o clero e o povo de Deus. Era visível o cansaço da Contra-Reforma excessivamente prolongada e começava a ser incómodo o peso da tradição que valorizava a coroa principesca da tiara pontifícia e, por isso, ainda contemporizava com remanescentes de cesaropapismo e augustinismo. E porque isso se inseria no contexto da perda de ritmo que colocava a Igreja Católica em atraso face ao andamento da sociedade do seu tempo, vinha aí o Concílio Vaticano II (1962-1965). Claros sinais da aproximação ao Mundo reverberavam à superfície das renovações apostólicas – no Movimento para um Mundo Melhor que Pio XII entregou à direcção do Padre Lombardi, nas edições de Imprensa cristã aberta a testemunhos de esperançosa militância, na experiência de padres operários, nos primeiros arrebóis da Teologia da Libertação, na música de Vitória que o Padre Julien fazia vibrante nas vozes da catedral de Friburgo, e, sobretudo, na carta encíclica da Paz na Terra que o papa João XXIII mandava, não apenas aos bispos e cristãos, mas também (e pela primeira vez) aos homens de boa vontade.

Era chegada a hora das opções inadiáveis – o tempo saturado que não conseguia conter a necessidade de descompressão e logo explodiu em contestação de todas as estruturas opressivas que punham a Liberdade em causa ou condicionavam o seu exercício, em desconstrução das edificações perversas da Civilização, na busca insistente da autenticidade que mobilizava o entusiasmo da frente juvenil, e até no descontrolo da sua crença no impossível.

Era a conjuntura onde a Igreja percebia o despertar do convite ao renascimento e, uma vez e outra, na empatia do contexto em mudança, ouvia o apelo das origens. Dava conta da transformação que se operava à sua volta, olhava para a Europa e via claramente que a Cristandade não voltava mais. Reflectia sobre o passado próximo, feito apocalipse de barbárie, e via meridianamente que o inimigo era só um – o Totalitarismo que esmagava a pessoa humana. Lançava o abraço fraterno às forças vivas que se propunham realizar a Humanidade feliz. Olhava para dentro, mas também não se furtava aos desafios que vinham de fora. Como este que vinha cheio de suficiente acutilância: “Quando a escatologia cristã perdeu a vitalidade, deixou de ser um fermento da Terra e da História, para se retirar para os guetos do céu e da eternidade, então a esperança revolucionária ocupou o lugar da esperança cristã. Foi preciso o Marxismo para voltar a ensinar aos cristãos a ocuparem-se do futuro terrestre”¹.

Era este o tempo de expectativa e de aproximação a mudanças iminentes em que Teilhard de Chardin entrava em cena². No testamento de sua obra imperecível ganhava a visibilidade que em vida não conhecera. Nas suas propostas de precursor, ele se tinha perfilado na vanguarda dos pioneiros resolvidos ao esforço magnânimo por um Cristianismo que se tornasse mobilizador e, para isso, fosse dialogante. E na aventura em que tinha embarcado, não tardara a encontrar alguma incompreensão censória pelo caminho – aquela obstrução que havia de concretizar-se numa (apenas) advertência póstuma, e cuja explicação reside no contraponto do indivíduo e da instituição que, no fundo, torna inteligíveis os conflitos da época. Perante a adversidade, ele responderia sempre de um modo superior, dentro da lógica da postura eclesial que, no transe dramático da Primeira Grande Guerra, havia traduzido assim: “Bem-aventurados aqueles que

¹ GARAUDY, Roger – *Cristo*. Porto: Telos, 1974, p. 35.

² Ele, o Padre Teilhard, sacerdote e homem de Ciência, que desaparece em 1955. Mas, sobretudo, a obra de Teilhard que, depois de sua morte, precisamente ao longo dos Anos 60, conhece uma expansão fulgurante.

sofrem por não ver a Igreja tão bela quanto quereriam, e que apesar disso lhe são mais submissos e suplicantes”³.

O Mundo que dobra para a segunda metade do século XX e, uma década à frente, espera uma saída para o marasmo onde chafurdam angústias, dá conta da aragem que vem dos lados da Igreja. O pensamento teilhardiano repercute-se na circunstância de renascimento onde a proposta religiosa por um Cristianismo impressionante vai encontrar, esperadamente, caixa de ressonância. Porque, imediatamente, vem oferecer à Igreja a sugestão oportuna de recuperar uma dinâmica de actualização. E porque, no contexto do processo conciliar em curso, os indicadores de abertura ao anúncio profético são claros, a múltiplos níveis onde se reflecte o novo ritmo eclesial que desponta. É um momento de corajosa generosidade, em última análise explicada pela capacidade interior de auto-reforma, aquele em que a Igreja vem à recepção das ideias prospectivas de Teilhard de Chardin. Esse encontro aparece auspicioso e fornece tema para glosas informativas na Imprensa, comentários e paráfrases, ou incursões por vários domínios da Política e da Cultura. Por diversos canais vem alimentar a opinião pública. De modo surpreendente, pela via literária do romance onde acontece a fala que o papa Cirilo dirige ao Padre Télémond: “– o tempo dirá se as suas afirmações estão conformes à verdade. Mas, para já, preciso de si. Precisamos de si”⁴. Na altura, era ainda ficção um Sumo Pontífice vinde de Leste, mas já fora realidade ter vivido o sacerdote com quem travou a conversa – o Padre Teilhard. Exactamente, o aventureiro do Saber, o homem de Ciência sem cientismo, o servidor da Igreja que segue por toda a vida a confissão de algum dia: “Aceito, nestas condições, caminhar até ao fim sobre uma estrada de que estou cada vez mais certo, para horizontes cada vez mais imersos na bruma”⁵. O nevoeiro que o Sol do desanuviamento havia de tornar desfeito e, na luz da Verdade, iluminar a Igreja despida de aspirações teocráticas e livre de regalismos, no meio do Mundo e não contra ele. A Igreja que vai reaparecer, após o Concílio Vaticano II, “fortalecida com a virtude do Senhor Ressuscitado, para triunfar com paciência e caridade de suas aflições e dificuldades, tanto internas como externas, e revelar ao Mundo fielmente o seu mistério, ainda

³ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *A Génese de um Pensamento*. Lisboa: Morais, 1966, p. 66. O extracto é de uma carta de 4 de Julho de 1915.

⁴ WEST, Morris – *As Sandálias do Pescador*. Lisboa: Clássica, 1968, p. 311.

⁵ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Comment je crois*. Paris: Du Seuil, 1969, p. 152. O texto, com o mesmo título, é de 1934.

que seja entre penumbras, até que se manifeste em todo o esplendor no fim dos tempos”⁶.

Na rota da Esperança que sempre guiou seus passos, Teilhard havia dito da sua convicção sobre o sentido da viagem: “Se o Cristianismo está verdadeiramente destinado, como o professa e sente, a ser a religião do amanhã, só através do eixo vivo e organizado do Catolicismo romano poderá esperar medir-se com as grandes correntes humanitárias modernas e assimilá-las”⁷.

1. Entender que o mundo mudou

A Igreja, enquanto instituição, anda devagar. Mas o ritmo do andamento é bastante para entender quando está atrasada e resolver-se a acelerar o passo. Importante para essa percepção é que se criem as condições perante as quais não pode furtar-se ao exame de consciência. Foi o que aconteceu no transe difícil, dramático, aproximadamente apocalíptico das Guerras Mundiais, uma a seguir à outra (talvez uma só), entre 1914 e 1945, e se prolongou para a segunda metade do século XX com o arranque de uma nova era na vida da Humanidade.

Aparece a nova ordem internacional – o Mundo bipolar de paz armada em que o antagonismo principal é conduzido pela oposição entre Capitalismo e Socialismo. Há, no entanto, forças profundas que actuam no sentido da convergência dos sistemas. O progresso económico que, então, se desencadeia vai perseguindo objectivos supremos de estratégias em contraponto – a sociedade de abundância ou a sociedade sem classes, cada qual perspectivando horizontes esplendentes para felicidade da Espécie. Frente a frente, economia intervencionada e economia dirigida jogam seus trunfos. Mas, entretanto, concentradas todas as forças no combate de rivais, depressa deixam cavar o abismo que vai separar o Norte desenvolvido e o Sul do subdesenvolvimento.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) aprovada na ONU (Organização das Nações Unidas) é semente de esperança que há-de resistir a todas as vicissitudes do tempo vindouro. O documento, Magna Carta da Idade Contemporânea, consagra princípios que resistem às interpretações do conteúdo e exprime definitivamente que o Mundo não

⁶ Concílio Vaticano II, Constituição *Lumen Gentium*, 1-8.

⁷ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Introdução ao Cristianismo* (1944), in RIDEAU, Émile – *O Pensamento de Teilhard de Chardin*. Lisboa: Morais, 1965, p. 357.

quer regressar à barbárie. É solene ponto de encontro em que o Planeta dividido e desigual mantém a referência universal para reconhecer, apesar de todos os afrontamentos e violações, a polarização irreversível do Humanismo político. Em regime de Democracia representativa ou Democracia convencional, entre as quais se ergue a Cortina de Ferro, a cidadania actua ou resiste como valor determinante do futuro contra bloqueios e perversões. Nomeadamente pelo facto de, no Ocidente ou no Leste, o triunfalismo das glórias materiais pagar duro preço à tecnocracia que conspurca a Civilização em que o homem “foi reduzido a uma única das suas dimensões: à dimensão social” e assim “transformado em cidadão, que já não é sinónimo da dimensão de homem” porque, na verdade, “a sociedade técnica ignora o homem”⁸. Neste quadro desumanizante, pesam cargas negativas que subjugam o cidadão aos mitos dominantes da produção e do consumo. Está em curso todo um processo de aviltamento que passa pelos estádios do materialismo e do laicismo em que “a civilização substituiu os altares pelos escritórios”⁹. A tirania do cruzamento do homem com a máquina provoca o esvaziamento de cidadania, e a desilusão penetra no interior das almas. Um dia, a honra da pessoa humana há-de explodir na contestação e na revolta de multidões que vão encher as avenidas.

É perante este Mundo de contradições que Teilhard de Chardin se coloca, interrogante e interpretativo, diagnosticando e prevendo. O Teilhard para quem a Evolução é a categoria gnosiológica. Nela e por ela, vê que o Universo do homem passa “por uma mudança de idade”¹⁰ e que a diferença em relação ao passado é exactamente “o facto de termos tomado consciência do movimento que nos arrasta”¹¹. Vê o fenómeno da socialização que entra na fase da compressão, não mais pela força exterior dos enquadramentos totalitários mas, doravante, pela energia que se realiza e ganha a verdadeira dimensão como agente principal da união dos seres humanos – a Liberdade que é “direito absoluto do elemento, no seio do organismo social, a não ser deformado pela coerção externa, mas super-organizado interiormente pela persuasão, ou seja, em conformidade com as suas evidências e aspirações pessoais”¹².

⁸ GHEORGHIU, C. Virgil – *A Vigésima Quinta Hora*. Lisboa: Bertrand, 1962, p. 412.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *O Fenómeno Humano*. Porto: Tavares Martins, 1970, p. 229.

A primeira edição francesa é de 1955.

¹¹ *Ibidem*, p. 231.

¹² CHARDIN, Pierre Teilhard de – *L'Avenir de l'Homme*. Paris: Du Seuil, 1959, p. 249. O texto citado, *Quelques Réflexions sur les Droits de l'Homme*, é de 1947.

A Humanidade do pós-Guerra mexe e avança. Mas transporta consigo remorsos da barbárie que vai exorcizando à medida que aprende as lições do horrível experimentado. Agarra-se definitivamente ao sumo valor da dignidade humana – a luz que contrasta em absoluto com as trevas do extermínio. Teilhard de Chardin considera esse dado adquirido, mas propõe a ultrapassagem dos individualismos anárquicos remanescentes que precisam também de desaparecer na época nova que abre a segunda metade do século XX e está “em transe de reencontrar, num plano superior, o sentido da Espécie”¹³. A sua reflexão vai mais fundo. Abaixo da superfície, até onde vê que a mudança custou o abandono de referências espirituais. E o problema maior reside na “impressão obsessiva, por todo o lado à nossa volta, de um ateísmo irresistivelmente a subir – ou, mais especificamente ainda, de uma ascendente e irresistível descristianização”¹⁴. Essa tendência dramática do Ocidente que vem caldeada com Capitalismo e Socialismo, Marxismo e Materialismo. Mas o que se joga, de facto, é o conflito de sempre que opõe “os servidores da Terra” aos “servidores do Céu”¹⁵. E porque uns e outros acreditam no Progresso, o fenómeno da secularização é ponto de chegada que se desdobra em ponto de partida e a convergência das duas crenças é via para superar a crise.

Teilhard de Chardin elabora um diagnóstico. A sua primeira formulação vem do tempo intercalar que separa as duas Guerras, concretamente explicitado sob forma de uma denúncia. No ano em que rebenta a Grande Crise (1929), Teilhard assevera que “a Igreja oficial deixou abrir, depois do aparecimento da Ciência, uma fissura crescente entre ela e a vida na Terra. Deu a impressão (falta longa a reparar) de que não participava na vida do Mundo”¹⁶. Décadas à frente, reaparece a esperança – a suficiente para que ele possa dizer que está “cada vez mais convencido de que uma grande coisa está a nascer no coração da Igreja. Qualquer coisa que converterá contagiosamente a Terra”¹⁷.

¹³ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Comment je crois*, p. 256. O texto, *Ce que le Monde attend en ce moment de l'Église de Dieu*, é de 1952.

¹⁴ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *L'Avenir de l'Homme*, p. 339. O texto, *Le Coeur du Problème*, é de 1949.

¹⁵ *Ibidem*, p. 102. O texto donde se tiram as expressões, *Sur les bases possibles d'un credo humain commun*, é de 1941.

¹⁶ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Les Directions de l'Avenir*. Paris: Du Seuil, 1973, p. 36. O texto, *Le Sens Humain*, é de 1929.

¹⁷ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Carta ao Padre Valensin*, in RIDEAU, Émile – *Op. Cit.*, p. 357.

E não tardou o ponto da trajetória em que se tornaram visíveis as linhas de convergência que referenciavam os passos da Igreja Católica ao pensamento de Teilhard de Chardin. Geralmente – no exame de consciência a que a instituição não pode escapar, para medir a descristianização sem escamoteio; tal como na avaliação dos totalitarismos como perversões abomináveis, e na aceitação da liberdade como direito da pessoa humana. Especialmente – na tendência de actualização de relações com a sociedade contemporânea que fazia deslocar o eixo das preocupações pastorais no sentido do diálogo entre a Igreja e o Mundo.

O pontificado de João XXIII, na passagem dos Anos 50 aos Anos 60, entre o crepúsculo e aurora, será o esforço determinante para trazer a Igreja à posição avançada que lhe vai permitir a generosa abertura ao seu tempo. Chegará o Concílio Vaticano II (1962-1965) e, no contexto da reconciliação com o século, o Papa virá anunciar a condição fundamental para o mútuo entendimento – a Paz. E exprimir a convicção apostólica de que a sua existência e solidez só poderá ser garantida pela defesa da Verdade, da Justiça, do Amor e da Liberdade¹⁸.

Não havia dúvida: a Igreja sabia falar com o Mundo – o Mundo que tinha mudado.

2. Falar a linguagem nova

Teilhard identifica o problema principal – a distância que separa a Igreja e o Mundo. E avança com o diagnóstico que aponta para uma “crise religiosa moderna” que se radica no “conflito de Fé entre o para o Alto e o para a Frente” – entre os que acreditam em Deus e aqueles que só acreditam no Homem¹⁹. No entanto, uns e outros, construtores da Terra. Porque, na realidade, o fosso era transponível.

Toda a reflexão teilhardiana sobre o drama da História que, a partir da Antropogénese, dinamiza o fenómeno da Evolução universal, vem mostrar, ao nível da Noosfera (onde aparece a Cristogénese), que “progresso humano e Reino de Deus não se contradizem de modo algum”²⁰ e,

¹⁸ João Paulo II, na mensagem para o Dia Mundial da Paz, de 1 de Janeiro de 2003, mostra como a encíclica de João XXIII, *Pacem in Terris*, vinha no sentido da História.

¹⁹ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *L'Avenir de l'Homme*, p. 343. O texto, *Le Coeur du Problème*, é a fonte da citação.

²⁰ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Comment je crois*, p. 173. O texto, *Le Christ Évoluteur*, é de 1942.

portanto, convergem. Assim, a explicação do problema vai apurar-se na forma como tem sido equacionado. Teilhard constata que “alguma coisa não anda para a frente, no nosso tempo, entre o Homem e Deus, tal como O apresentam ao Homem contemporâneo”²¹. A explicação está, de facto, na linguagem. É por aqui o caminho, para que a Igreja venha ao diálogo com o Mundo. O que será feito sem ruptura porque a “religião nova não será outra coisa senão o antigo Cristianismo, mas renovado, como acontece em toda a sua evolução dos dogmas ao contacto de noções novas”²².

Os Anos 60, na sua onda de autenticidade reivindicada, aparecem em face da Igreja como o tempo das equações incontornáveis. Porque é claramente visível o retardamento tridentino que a clericalizou e burocratizou, tornando-a instituição hierárquica de costas voltadas para o Povo de Deus. Não se trata, porém, de uma reflexão abrupta, espontaneamente despoletada por alguma conversão em estrada de Damasco. Na verdade, é o constatável no contexto que progressivamente vinha a ser gerado por uma dinâmica de renascimento que acompanhava a segunda metade do século XX – a qual o católico Urteaga dizia ter sido feita “para homens de ferro”²³. O mesmo que exclamava: “o Mundo é nosso!”²⁴. Urgia gritar aos cristãos da Europa, em crise de sono, que estava na hora de acordar. Era o aviso apaixonado que se fazia ressonância da postura profética assumida por Teilhard, no termo dos Anos 40, quando denunciava o desencontro dos “apátridas espirituais” – os seguidores do Marxismo despersonalizante e do Cristianismo tíbio, cuja mediocridade será ultrapassada quando aparecer uma nova Fé – em Deus e no Mundo – a “Fé mais forte que, cedo ou tarde, acabará por possuir a Terra”²⁵.

Na verdade, a saída para os problemas estava no recomeço do diálogo com o Mundo. E também na metodologia. Porque esse começo novo, no seio de uma conjuntura de civilização que valorizava o Saber, teria de ser o que partia do princípio onde reside o contraponto da Religião e da Ciência. Concretamente, havia que aceitar o conselho de Lecomte du

²¹ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *L'Avenir de l'Homme*, p. 339. O texto, *Le Coeur du Problème*, é a fonte.

²² CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Le Sens Humain*, in RIDEAU, Émile – *Op. Cit.*, p. 383. Era, então, um texto inédito.

²³ URTEAGA, Jesus – *O Valor divino do humano*. Lisboa: Aster, 1960, p. 209.

²⁴ *Ibidem*, p. 216.

²⁵ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *L'Avenir de l'Homme*, p. 348-349. O texto, *Le Coeur du Problème*, é a fonte. Percebe-se que Teilhard tem para os mornos filhos da Igreja a mesma condenação que, no Apocalipse, pronunciou o anjo contra o bispo de Laodiceia.

Nouy segundo o qual “o melhor meio de restaurar a pureza da Fé consiste em utilizar a linguagem do século XX, como quem diz, a linguagem científica”²⁶. Teilhard vem por aqui. Apresenta o Cristianismo que, pela Encarnação, agarra a dinâmica da Evolução e a projecta no Infinito – a mensagem da Salvação susceptível de ser entendida por aqueles que olham para o Alto, mas também por todos quantos projectam a sua Fé para a Frente. Este pensamento que é uma síntese surpreendente da História Humana, socialização em movimento desde a Cosmogénese à suprema convergência da Noosfera, mostra que a “Verdade revelada não contradiz a verdade das Ciências. Ela conhece o Real sobre outro aspecto, o das relações de Deus com os homens”²⁷. E assim acontece que “Teilhard é lido como o primeiro que fala do Cristianismo na linguagem do século XX”²⁸. O seu discurso novo que explica o sentido pleno da Evolução no “eixo cristão” que a propuliona para a Frente e para o Alto²⁹, aparece como uma “Teologia do progresso”³⁰ com a pujança de futurismo e com a frescura neologística de conceitos que vêm à comunhão com o entusiasmo juvenil dos Anos 60.

Quando recordamos a compreensível advertência que veio a cair sobre a obra teilhardiana (na verdade, não mais do que um exemplo de colisão entre indivíduo e instituição), ficamos a pensar que, no fundo, o que Teilhard de Chardin havia feito com a sua visão prospectiva fora responder à palavra autorizada de Pio XII que dizia: “Não existe terreno fechado, nem direcção interdita à acção dos cristãos”³¹. E fizera-o com a intenção de trazer a Igreja ao diálogo com a Modernidade – exactamente aquilo que havia de fazer o Vaticano II para que os Católicos vivessem no Mundo e não mais contra ele. O papa João XXIII dirá que “o Concílio terá, portanto, por objectivo actualizar a Igreja. Importa que os fiéis e o seu género de vida se adaptem às evoluções do Mundo moderno”³². Será mais claro e firme na oração de abertura da Assembleia Ecuménica quando disser que “uma coisa é o depósito da Fé, ou seja, as Verdades que

²⁶ NOUY, Lecomte du – *A Dignidade Humana*. Porto: Educação Nacional, 1955, p. 157.

²⁷ Citação em “Fêtes et Saisons”, Agosto-Setembro de 1963, p. 23.

²⁸ Citação em “Informations Catholiques Internationales”, Abril de 1965, p. 28.

²⁹ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Comment je crois*, p. 241-242. O texto, *Le Phénomène Chrétien*, é de 1950.

³⁰ CUÉNOT, Claude – *Aventura e Visão de Teilhard de Chardin*. Lisboa: Moraes, 1966, p. 35.

³¹ Citação em “Fêtes et Saisons”, Agosto-Setembro de 1963, p. 23. É da *Mensagem de Natal* de 1957.

³² JOÃO XXIII, *Alocução aos alunos do Colégio Grego de Roma*, Junho de 1959.

contêm a nossa veneranda doutrina, e outra o modo como se exprime; e este há-de ter-se em grande conta”³³. Era, apesar da ortodoxia de sempre, o “aggiornamento” que estava na ordem do dia. Esse modo de ver as coisas onde a voz de Teilhard de Chardin encontra ressonâncias. Décadas antes, ele tinha lançado o desafio: “Um dia, há mil anos, os Papas decidiram-se a passar aos Bárbaros, dizendo adeus ao Mundo Romano. Não se espera hoje um gesto semelhante e mais profundo?”³⁴ Teilhard via longe. O seu pensar e seu dizer corriam (como Marrou calculava) na direcção para onde sopravam os ventos do Espírito.

3. Aceitar a liberdade religiosa

Na aproximação da Igreja ao Mundo, a nova linguagem aparece como um meio importante de diálogo. Mas a aceitação da Liberdade religiosa reclamava-se como força maior – era condição determinante. E foi o que se viu no desenvolvimento do contexto político, na sequência da Segunda Grande Guerra, tragédia incomensurável e lição de esquecimento impossível. Definitivamente, irreversivelmente, impunha-se a convicção de que “doravante, o Bem consiste, portanto, no respeito da Dignidade adquirida afastando-se cada vez mais dos animais ancestrais e obedecendo às ordens da consciência, isto é, contribuindo para o progresso da Evolução. E o Mal consiste no retomo à animalidade, na obediência às ordens fisiológicas, no desconhecimento da Dignidade Humana, na recusa em participar na obra divina, na Evolução”³⁵. Assim falava um homem de Ciência com a clareza meridiana que é competência do sábio quando analisa a realidade. E na dinâmica dessa mundividência situa-se Teilhard de Chardin. Iluminado pela Evolução ele vê a História em movimento de convergência, no ritmo de progresso que tem a Fé no Homem como energia propulsora. Nessa crença principal, encontra a plataforma de entendimento que, na Humanidade feita para unir-se, há-de evitar recair no totalitarismo e recalcitrar no individualismo. Enquanto a seus olhos, como resultante intercorrente, emerge a Democracia solidária, Teilhard observa o “conflito moderno, no coração de cada homem, entre o elemento, sempre mais

³³ JOÃO XXIII, *Discurso*, de 11 de Outubro de 1962.

³⁴ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Science et Christ*, p. 166. O texto, *Quelques Réflexions sur la conversion du Monde*, é de 1936.

³⁵ NOUY, Lecomte du – *A Dignidade Humana*, p. 23.

consciente do seu valor individual, e os laços sociais, sempre mais exigentes” e reivindica aí o lugar certo dos Direitos Humanos ³⁶.

Assim se desenha o quadro do pensar e do sentir onde se elabora a propedêutica de mentalização da Igreja que se coloca na via do Vaticano II. Quando chega esse evento maior, os padres conciliares sabem com perfeito entendimento que “a causa da civilização aparece claramente ligada ao respeito pela liberdade da pessoa, e a causa da barbárie a uma intolerância perseguidora levada ao extremo, onde ninguém poderá reconhecer a influência de qualquer doutrina formada no seio do mundo católico” ³⁷. Esta convicção ganha consistência na constatação e no repúdio do Mal absoluto que deixou rostos cavados na crueldade hitleriana e na repressão estalinista. Sobre o novo modo de ver que inspira o pensamento da Igreja em harmonia com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, converge o discurso teilhardiano não só quando abomina a coacção que inibe a Liberdade, mas também quando afirma, trazendo à memória os “Apóstolos de 89”, que “a não ser o Cristianismo, nenhum movimento espiritual compreendeu algum dia e exaltou tanto como a Revolução o preço da pessoa humana” ³⁸.

O respeito inquestionável pelos Direitos Humanos vai ser consagrado na letra e no espírito com que “o Concílio Vaticano declara que a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa” ³⁹. Fica para trás, irremediavelmente, a recusa que, em contextos idos da História e pelos parâmetros de cada tempo, veiculavam outras visões do Homem e do seu destino. Para a frente, o que a Igreja de Cristo “quer acima de tudo é poder desenvolver-se livremente, para bem de todos, sob qualquer regime político que reconheça os direitos fundamentais da pessoa e da família e os imperativos do bem comum” ⁴⁰.

³⁶ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *L'Avenir de l'Homme*, p. 247-249. O texto, *Quelques Réflexions sur les Droits de l'Homme*, é de 1947.

³⁷ CARDEAL LERCARO – *Tolerância e Intolerância religiosa*, in *O Pensamento da Igreja*, I. Lisboa: Morais, 1960, p. 38. É texto de um discurso de 1958.

³⁸ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Science et Christ*. Paris: Du Seuil, 1965, p. 180. O texto, *Sauvons l'Humanité*, é de 1936.

³⁹ Concílio Vaticano II, Declaração *Dignitatis Humanae*.

⁴⁰ Concílio Vaticano II, Constituição *Gaudium et Spes*, IV-42.

4. Abraçar os irmãos na construção da terra

Uns dizem: Esperemos pacientemente que Cristo regresse. Outros: Acabemos de construir a Terra. E os terceiros pensam: Para apressar a Parusia, acabemos de fazer o Homem sobre a Terra.

Teilhard de Chardin

Há uma percepção em Teilhard de Chardin que vem de longe – a de que « a causa do Cristianismo e a causa do Mundo estão estreitamente ligadas na crise presente” ⁴¹. Vem do tempo que chegava a um limiar de saturação em que a euforia de reconstrução nos Anos 20 se calava na inversão de tendência e anunciava o negro túnel da Grande Depressão.

Teilhard reflectia, então, sobre a direcção do futuro, e a sua visão do tempo convergente sobrevoava o atoleiro que demarcava o intervalo de duas Guerras, dando-lhe o suficiente optimismo para acreditar no Mundo com energias inesgotáveis de socialização para realizar e salvar o Homem. E o que ele via, passado o pesadelo do fratricídio, era que a Evolução avançava no patamar noosférico e transportava o “fenómeno social” que “marca um progresso essencial de reflexão” ⁴². Sobre os escombros da catástrofe, acreditava na alma imorredoura do Ocidente que “sobretudo pela descoberta das dimensões e da marcha para a frente do Universo, pôs em movimento uma poderosa mística” que é “mais exactamente o termo actual e a expressão evoluída do Cristianismo” ⁴³. Aqui se agarram as âncoras da esperança que vai motivar a Igreja ao diálogo com a sociedade renascida da hecatombe. Aqui se fundam as pontes que a Igreja vai lançar sobre o Mundo contemporâneo.

4.1. Irmãos na crença em Deus

No rescaldo da última Grande Guerra, quando a Civilização recupera da hedionda carnagem, Teilhard escreve o seguinte: “Manifestamente, a Humanidade de hoje, na medida exacta em que toma consciência

⁴¹ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Les Directions de l'Avenir*, p. 43. O texto, *Le Sens Humain*, é a fonte.

⁴² CHARDIN, Pierre Teilhard de – *L'Avenir de l'Homme*, p. 276. O texto, *Agitation ou Genèse?*, é de 1947.

⁴³ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Science et Christ*, p. 131. O texto, *Le Christianisme dans le Monde*, é de 1933.

da sua unidade, não mais apenas para trás no sangue, mas para a frente no progresso, prova a necessidade vital de se reunir sobre si mesma. De todas as partes, e muito especialmente entre ramos religiosos, um movimento de reunião se desenha”⁴⁴. Ele acredita que a tendência à unidade universal será a lição que todos aprenderam com os horrores do fratricídio, nomeadamente as forças vivas da Religião a quem pertence guardar a chama perpétua da Fraternidade. Sabe que “as três correntes (oriental, humana, cristã) se opõem ainda” mas está convencido de que “por sinais seguros, podemos reconhecer que elas se aproximam”⁴⁵. O que há-de acontecer, na fase avançada do processo de convergência no seio do qual, e porque a união diferencia, “a compreensão histórica das místicas e das crenças, no seu esforço de invadir a Terra, não exprime outra crise que não seja uma longa tentativa da alma humana à procura da visão do Mundo onde ela se sentiria o mais sensibilizada, o mais livre e o mais activa”⁴⁶.

Nesta prospectiva do diálogo inter-religioso, Teilhard antevê o rumo vindouro em que “o Cristianismo emerge decididamente à cabeça com todo o seu poder extraordinário de imortalizar e personalizar em Cristo, até a tornar amável, a totalidade temporo-espacial da Evolução”⁴⁷. Aqui se desenha o quadro onde o Ecumenismo terá a sua compreensão mais ampla. Porque o diálogo ecuménico há-de aparecer na flecha religiosa da Evolução, e há-de implicar que os Cristãos tenham de fazer “opções de fundo” que passarão pelo encontro da Fé em Deus com a Fé na Humanidade⁴⁸.

4.2. Irmãos na crença do homem

A mundividência teilhardiana, alimentada pela fé no Homem, contém a abertura bastante para compreender que “os materialistas de hoje não são mais que espiritualistas que se ignoram”⁴⁹. E certamente esse

⁴⁴ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *L'Avenir de l'Homme*, p. 240. O texto, *La Foi en l'Homme*, é de 1947.

⁴⁵ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Comment je crois*, p. 150. O texto, com o mesmo título, é a fonte.

⁴⁶ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *L'Avenir de l'Homme*, p. 267. O texto, *Le Rebondissement Humain de l'Évolution et ses Conséquences*, é de 1947.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Science et Christ*, p. 253-254. O texto donde saiu o extracto, *Œcuménisme*, é de 1946.

⁴⁹ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *L'Activation de l'Énergie*, p. 425. O texto, *Barrière de la Mort et Co-Réflexion*, é de 1955.

modo de ver a profundeza do fenómeno do Mundo em mudança é forma logicamente derivada do ponto de observação cristã – a posição privilegiada de quem inspira a sua reflexão no Cristianismo ao qual “ninguém pode recusar a honra insigne de ter servido de matriz à nossa civilização ocidental – ou seja, muito provavelmente, a toda a civilização humana de amanhã”⁵⁰. O Cristianismo que surge como a “única religião compatível com o triunfo da civilização técnica”⁵¹. Desde logo, a visão das coisas que à Igreja competia assumir para uma base esperançosa e credível de entendimento com a sociedade contemporânea.

O tempo de Teilhard que dobra a primeira metade do século XX, coloca-o perante “um optimismo conquistador (assinalado pela rápida ascensão do Marxismo) que representa (...) no Mundo, a corrente de fundo”⁵², e que entusiasma “o novo Humanismo a crescer um pouco por toda a parte – por um jogo irresistível de co-reflexão: Humanismo não mais de equilíbrio, mas de movimento”⁵³. Estará condenado a desfazer-se tudo o que for resistência reaccionária ou náusea de Existencialismos com visão curta. A História pertencerá aos que se propõem construir a Terra. E Teilhard está vê-los: “aqui um marxista e lá um cristão, os dois perfeitamente convencidos da sua doutrina particular, mas os dois também, supomos, radicalmente animados de uma fé igual no Homem”⁵⁴. Avança imediatamente com a perspectiva verdadeira: “Atraídos para cima, as duas trajectórias acabarão certamente por se aproximar. Porque, por natureza, tudo o que é Fé sobe; e tudo o que sobe converge inevitavelmente”⁵⁵. Obviamente, a coragem residia nesta forma de pensar que mergulhava abaixo da superfície onde pululavam desilusões, e perscrutava a força oculta do Marxismo para entender “esse messianismo laicizado”⁵⁶ que, no fundo, era “um contra-Cristianismo, isto é, um pseudo-Cristianismo de substituição”⁵⁷ e, de facto, “uma herança do pensamento cristão”⁵⁸.

⁵⁰ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Comment je crois*, p. 233. O texto, *Le Phénomène Chrétien*, é a fonte.

⁵¹ CUÉNOT, Claude – *Op. Cit.*, p. 203.

⁵² CHARDIN, Pierre Teilhard de – *Comment je crois*, p. 256. O texto, *Ce que le Monde attend en ce moment de l'Eglise de Dieu*, é a fonte.

⁵³ *Ibidem*, p. 256-257.

⁵⁴ CHARDIN, Pierre Teilhard de – *L'Avenir de l'Homme*, p. 242. O texto, *La Foi en l'Homme*, é a fonte.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ CUÉNOT, Claude – *Op. cit.*, p. 226.

⁵⁷ GOMES, D. António Ferreira – *Entrevista a “O Comércio do Porto”*, em 24 de Março de 1976.

⁵⁸ Citação em “Informations Catholiques Internationales”, Abril de 1965, p. 3.

Assim ficava aberta a porta de um grande encontro, muito antes que o futuro se encarregasse de mostrar que o Marxismo era historicamente a insuflação doutrinária de Regimes políticos que a experiência da História (ou talvez a lei, como diria Tucídides) iria catalogar como necessariamente anteriores à idade madura das Democracias.

Assim ficava a Igreja convidada para o diálogo com o Mundo.

5. Assim como era no princípio

O já famoso Esquema XIII, que versa as relações da Igreja e do Mundo, seria talvez impensável, através dos avatares que tem percorrido, rumo à clarificação, sem a visão prévia de Teilhard de Chardin.

Manuel Antunes

A Igreja do Vaticano II renasceu para o diálogo com todo o Mundo. Defende a dignidade da pessoa humana, reencontra-se com o Homem, senhor da Terra e “reconhece também tudo o que há de bom no dinamismo social dos nossos dias, particularmente os movimentos para a unidade, o avanço de uma sã socialização e da solidariedade no plano cívico e económico” (*Gaudium et Spes*, IV-42). É a nova Igreja que “deve estar absolutamente presente na própria comunidade dos povos para favorecer e estimular a cooperação entre os homens; e isto, tanto pelas suas instituições públicas, como pela plena e sincera colaboração de todos os cristãos, inspirada unicamente pelo desejo de ser útil a todos” (*Gaudium et Spes*, V-89). Deixa cair definitivamente a tradição de séculos que implicava civilização na evangelização para, doravante, “expressar a mensagem cristã de modo apropriado a todos os povos”, fomentar o “intercâmbio vivo entre a Igreja e as diversas culturas”, confessando a “particular necessidade do auxílio daqueles que, vivendo no mundo, conhecem as várias instituições e as diferentes disciplinas, e entendem as suas razões íntimas, quer se trate de crentes, quer de não crentes” (*Gaudium et Spes*, IV-44).

É o diálogo para a comunhão global que ultrapassa as razões históricas de uma identidade europeia elaborada pelo Cristianismo, e ganha o enriquecimento da transversalidade na plena abertura à interlocução plural. Porque a Igreja tem consciência de que bateu a hora em que, “salvaguardadas as condições fundamentais de realização da pessoa humana”⁵⁹,

⁵⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA – *A Igreja na Sociedade Democrática*. Lisboa, Maio de 2000.

e garantida a Liberdade religiosa na laicidade positiva do Estado, é chamada irrecusavelmente a participar “no aprofundamento de uma cultura democrática”⁶⁰. O seu quadro de visão está compreendido na “óptica de uma sã secularidade”⁶¹ no interior da qual, por “razão da sua missão e competência, não pode confundir-se de modo nenhum com a comunidade política nem está ligada a nenhum sistema político” (*Gaudium et Spes*, IV-76).

A Igreja no Mundo e com o Mundo – como Teilhard a sonhara. Dando a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus. De rosto lavado – como era no princípio.

A. DO CARMO REIS

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ *Ibidem*.